



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 24

JULHO-AGOSTO DE 1958

Nº. 4



Templo de Arapongas, Paraná



Pregação Desorientada

J. ARTUR BUCKWALTER

Redator Secretário de The Ministry

Todo pastor deve dar cuidadoso estudo ao plano pelo qual pode cobrir cabalmente os grandes e importantes temas de fé, vida e doutrina cristãs em seus cultos sabáticos. Bom é revisar os temas apresentados no ano anterior e verificar quantos desses importantes assuntos foram apresentados.

Uma desorientada seleção dos temas deixa de instruir adequadamente os membros da igreja quanto aos importantes assuntos da salvação. Com essa sua conferição dos sermões apresentados, habilita-se o pastor para escapar das ciladas de apenas preencher o tempo ou salientar demais certos aspectos da verdade que dão uma visão deturpada do evangelho e da divina revelação da Palavra de Deus.

Os mesmos temas não devem ser apresentados do mesmo modo ano após ano. Isso contribuirá para a monotonia e não leva os membros a progredirem no conhecimento da verdade. É totalmente imperdoável que o pregador fique estagnado e deixe de progredir na aquisição de conhecimento e informação para melhor compreender e interpretar a verdade.

A advertência do apóstolo é que devemos fornecer à nossa congregação alimento sólido bem como o "leite racional". Um comentário interessante sobre este passo está exarado no livro de João Knox, *The Integrity of Preaching*, pág. 57, onde ele comenta: "Há grande sabedoria em não dar carne às pessoas que só estão preparadas para leite; mas alguma coisa vai mal quando uma congregação é permanentemente mantida em regime de leite. Não devemos confessar que o que muitas vezes está errado em tais casos é que o pregador se alimenta ele próprio de leite?" A pregação a um auditório de capacidade média não deve ser muito elementar nem muito profunda. Deve, porém, haver uma variedade de alimentação espiritual que inclua tanto o leite quanto o alimento sólido. Além disso deve haver contínuo controle pelo pastor pa-

ra determinar quanto do grande ciclo da verdade ele abrange no seu ministério pastoral.

Planos

W. E. MURRAY

CHEGAMOS à época do ano em que podemos lançar um olhar retrospectivo para ver se o trabalho que fizemos na Causa do Senhor durante os primeiros seis meses do ano deu resultado ou não. Já tivemos tempo para descobrir alguns pontos fracos de nossos planos que, caso houvessemos feito de outra maneira, nos teriam produzido fruto mais abundante. Esta é a época em que devemos tornar a estudar os projetos que fizemos no princípio do ano.

Não existe ser humano cujos planos não tenham que ser revisados nem modificados. Ao fazermos nossos planos, a maioria das vezes não podemos prever tôdas as emergências que possam surgir. O resultado dos primeiros seis meses do ano deve servir-nos de indicador dos pontos fracos de nossos planos, e cada obreiro eficiente e alerta estudará nesta ocasião os resultados para ver onde pode melhorar no restante do ano.

Os grandes estrategistas, depois de provar seus planos, revisam-nos pormenorizadamente para descobrir os pontos fracos que nêles houver. Além disto, estão sempre dispostos a melhorá-los para pô-los em prática com o melhor dos resultados. Os que trabalham na Causa de Deus devem ser tão prudentes e previdentes quanto o são os melhores estrategistas.

Os que participamos do movimento adventista estamos trabalhando com tôda a energia e diligência para evangelizar os povos da Terra. Grandiosa é a empresa de levar o Evangelho a todo mundo. Tem maiores alcances que qualquer outra operada por seres humanos. Portanto, não apenas devemos fazer nossos planos com todo o cuidado mas temos que, de quando em quando, revisá-los para ver se estamos atingindo os resultados previstos.

Na obra de ganhar almas, às vezes os últimos meses do ano são os mais importantes. Os obreiros terminaram seus esforços de evangelização e estão enfrentando a tarefa de levar as almas à decisão final. É a época dos batismos. Também é preciso fazer planos para o ano entrante. É preciso eleger os oficiais para o período seguinte. Os obreiros de maior êxito são os que planejam seu trabalho com a devida antecipação.

Nos últimos anos muitos de nossos obreiros adotaram o sistema de realizar batismos trimestrais, reconhecendo assim o valor que encerra a prática de batizar as pessoas à medida que estão para isso preparadas, desde o mesmo princípio do ano. Os que assistem aos batismos são



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Lulz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray



ILUSTRAÇÕES

O Mundo Conhece-nos

Nossa vida deve ser a encarnação do Evangelho, epístolas da verdade e do amor. A mais elevada prova da cristandade e sua mais forte recomendação para o mundo, e a vida irrefutavelmente cristã.

Uma séria condenação do viver cristão foi expressa por um budista, que andava em busca da verdade e da luz, ao dizer: "Quero crer em Cristo, mas nunca O vi em quem professa segui-Lo."

Disse alguém, certa vez: "O motivo de o mundo não conhecer a Deus, está em conhecer-nos a nós perfeitamente bem." — *Escolhido.*

ANO 24 Nº. 4

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

| | |
|-----------------------------|---|
| Pregação Desorientada | 2 |
| J. ARTUR BUCKWALTER | |
| Planos | 2 |
| W. E. MURRAY | |

ILUSTRAÇÕES

| | |
|---------------------------|---|
| O Mundo Conhece-nos | 3 |
| Andar Juntos | 3 |

ARTIGOS GERAIS

| | |
|--|----|
| Que é a Pregação? | 4 |
| H. M. S. RICHARDS | |
| Pregação de Nova Reforma | 6 |
| HENRY L. RUDY | |
| Como Pregar de Forma que Ninguém se Converta | 11 |
| CHARLES G. FINNEY | |

PASTOR — PASTOREIO DO REBANHO

| | |
|----------------------------|----|
| O Motivo para Servir | 12 |
| G. M. MATHEWS | |

O EVANGELISMO DA SAÚDE

| | |
|---|----|
| O CME Irá Averiguar a Incidência do Câncer Entre os Adventistas do Sétimo Dia | 14 |
| Assim é | 14 |

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

| | |
|--|----|
| Pregação | 15 |
| Sugestão para Obter Ilustrações para Sermões | 16 |

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

| | |
|---|----|
| Qualificações para a Ordenação de Ministros | 17 |
|---|----|

O PAPEL DA MÚSICA NOS CULTOS

| | |
|--|----|
| Que Parte Desempenha a Música na Vida e nas Lides do Povo de Deus? | 20 |
|--|----|



Andar Juntos

Andar é prazenteiro se um companheiro fiel, amoroso e animoso nos vai ao lado. Alegres a palestra e o cântico são os do companheiro espirituoso com quem marchamos. As léguas são curtas, lindas as vistas; doçura e frescura há no ar envolvente; e encanto extraordinário existe no ambiente fraternal, à medida que você e seu companheiro prosseguem andando.

E assim, ó altíssimo Espírito divino, Senhor da Terra e dos altos céus, Teu amor nos desce do infinito; fá-lo justamente para andar comigo. Que brilhantes perspectivas surgem ao palmilharmos, Tu e eu, o solo santificado! Que de esperanças brotam e exultantemente crescem, ao avançarmos juntos, Tu e eu! Que fortaleza de corpo, que júbilo de coração, ao Tu e eu partilharmos essa camaradagem! Sinto-me firme como o aço e leve como a pena quando o Espírito e eu andamos juntos! — 3000 *Illustrations for Christian Service.*

impressionados favoravelmente e muitos deles se decidem a dar o mesmo passo em futuro próximo. Mas a pessoa que toma esta decisão em dezembro, não tem tempo para preparar-se para o batismo senão no ano entrante, e não poucas vezes ocorre que no correr dos meses perde o interesse. Celebrando batismos trimestrais, os interessados têm tempo para decidir-se e preparar-se para o batismo dentro do mesmo ano.

Desejo pedir a todos os nossos obreiros que provem o plano dos batismos trimestrais. Pensemos no alvo: "Um batismo por trimestre em cada igreja." Os obreiros que adotaram este sistema alcançaram resultados que sobrepujaram os do antigo método de esperar até ao mês de dezembro para realizar um batismo.

Que é a Pregação

H. M. S. RICHARDS

Pregador da Voz da Profecia

QUALQUER que seja a verdadeira definição de pregação ela é, por certo, uma ocupação importante. Não lemos nós no primeiro capítulo dos mais curtos dos evangelhos que imediatamente depois de Seu batismo e de Sua vitória sôbre a tentação no deserto “Veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus” (S. Mar. 1:14)? “O primeiro aparecimento público do Salvador o foi como pregador?”

Se Jesus começou o Seu trabalho público no mundo como pregador, então a pregação deve ser supremamente importante.

A palavra correspondente a “pregação”, neste passo, significa “proclamar”, “apresentar”, “gritar bem alto”. E o âmago da mensagem de Cristo era: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (S. Mar. 1:15).

Esta pregação de Jesus era definida, bíblica, profética. Não se baseava em alguma teoria sutil ou em argumento filosófico. Tinha por base fatos — a Sua presença, a circunstância de que a profecia proferida havia muito tempo, estava tendo cumprimento, bem como chegara o tempo de se cumprirem grandes coisas. Em Sua pregação convidava Ele — “arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo.” Sua pregação era um apêlo para a ação: “Arrependei-vos,” portanto, era definida e pessoal.

Vemos do exemplo de Jesus que a verdadeira pregação é uma comunicação de um homem para homens. Como define Phillips Brooks, “é a comunicação da verdade, de um homem para homens.” Portanto, os dois elementos essenciais da pregação são a *verdade* e a *personalidade*. Deus poderia haver escrito a Sua mensagem em letras de fogo no céu, mas isso não teria sido pregação. É preciso que um homem se apresente perante outros e profira as Palavras de Deus para eles.

A Verdade Divina e a Personalidade Humana

Poderá haver pregadores que interessem as pessoas, que os maravilhem com retórica oratória, filosofem e exponham intrincadas especulações; mas isso não é pregação porque não é a verdade. A verdadeira pregação precisa ter atrás de si um verdadeiro homem. A verdadeira pregação sempre implicou tanto uma personalidade como a verdade; e existe um terceiro elemento — precisa ser a verdade *bíblica*. Assim Jesus pregava. Ele era um verdadeiro homem, o Filho do

homem; pregava a verdade, a verdade divina; e ela provinha da Bíblia. Ele iniciou Sua pregação citando o Velho Testamento.

Se ocorre uma falta de interesse em nossa pregação hoje em dia, bem faremos com, antes do mais, examinar a nossa personalidade. Quem somos? Vivemos e cremos a verdade que pregamos? Está ela em nosso coração? Somos nós a personificação da mensagem que proclamamos?

Em segundo lugar, devemos perguntar-nos qual é a nossa atitude para com essa mesma verdade. Regamo-la nós ou revestimo-la de loquacidade, ou tornamo-la de difícil compreensão, ou talvez até a adulteramos com nossas idéias e filosofias humanas? Lembrai isto — a verdadeira pregação nunca morrerá. Nunca será invalidada enquanto um verdadeiro homem, guiado pelo Espírito Santo, pregar a verdadeira mensagem. Pregadores tais sempre terão alguém para escutá-los. Quando o homem de Deus surge com a mensagem divina no tempo estabelecido por Deus, sempre haverá corações prontos para arderem quando êle lhes abrir as Escrituras (ver S. Luc. 24:32).

A verdade e a personalidade não podem ser separadas. As mensagens divinas são sempre proclamadas por uma pessoa, estão realmente encarnadas numa pessoa. Como adventistas, falamos muitas vezes da “mensagem.” Cremos nós na mensagem? Ouvimos nós a mensagem? Se assim fôr, temos que sair e pregar a mensagem. No tempo do Novo Testamento, houve sempre uma mensagem e um homem. “Esta é a mensagem que d’Ele ouvimos, e vos anunciamos,” diz o apóstolo João (I S. João 1:5).

O Pregador, Testemunha de Cristo

Todo verdadeiro pregador é uma testemunha, uma testemunha de Cristo. Disse Jesus: “Recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sôbre vós; e ser-Me-heis testemunhas” (Atos 1:8). Não disse: “Sereis Meus defensores”, mas “Minhas testemunhas.” Uma testemunha conta o que sabe, descreve o que viu. Quando jovem, fui chamado certa vez como testemunha em juízo. Antes que eu me apercebesse, estava expondo a minha opinião. O juiz imediatamente advertiu-me de que eu fôra ali convocado para dizer o que vira, e não o que pensava.

A pregação não é primariamente uma argumentação ou comentário nem filosofia acêrca da verdade. Nem é uma urdidura artística de linguagem a tecer um belo bordado de sons. A

pregação é dar testemunho, contar alguma coisa do que sabemos a outras pessoas que, ou querem ou devem saber, ou ambas as coisas. Por isto é que a pregação está ligada à personalidade. Nunca pode haver pregação sem uma pessoa, sem um pregador. Não pode haver testemunho sem as testemunhas.

A fim de sermos verdadeiros pregadores precisamos ser bons filhos de Deus e falar a língua da família. Lembrai-vos de que não somos primariamente discursadores, mas pregadores. Precisamos primeiro que tudo ser cristãos, filhos de Deus em meio a uma geração perversa. O pregador tem que ser um homem de Deus. Pode haver sido diplomado pela mais importante das escolas terrestres, haver recebido a ordenação da igreja; mas a menos que haja nascido de novo com o testemunho do Espírito no coração, nunca pode ser verdadeiro pregador nem portador de uma mensagem que atinja o coração dos homens com o poder de Deus.

Nosso Cometimento de Pregador

Nossa incumbência, da parte de Cristo, de pregarmos vigora "até a consumação dos séculos" (S. Mat. 28:19 e 20).

É a "tôda a criatura" (S. Mar. 16:15). Jesus não apenas comissionou os Seus discípulos para pregarem mas esboçou-lhes a atividade até ao fim do mundo e deu-lhes, também, a mensagem que deviam pregar. "Os discípulos deviam ensinar o que Cristo ensinara. O que Êle falara, não só em pessoa, mas através de todos os profetas e mestres do Velho Testamento, aí se inclui. É excluído o ensino humano. Não há lugar para a tradição, para as teorias e conclusões dos homens, nem para a legislação da igreja. Nenhuma das leis ordenadas por autoridade eclesiástica se acha incluída na comissão. Nenhuma dessas têm os servos de Cristo de ensinar. . . O evangelho tem de ser apresentado, não como uma teoria sem vida, mas como força viva para transformar a vida." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 615.

A pregação é uma missão solene, elevada, santa e importante. A ocupação do ministro não é meramente apresentar a verdade mas, pela apresentação dessa verdade, transformar a vida.

Se vós, como ministro, devêsseis falar a duzentas pessoas durante uma hora, uma vez por semana, utilizaríeis em cada sermão o total de cem horas do tempo dos ouvintes. Isto equivale a doze dias de oito horas, por pessoa. Existe suficiente material de valor em vosso sermão? É Êle de suficiente importância para justificar que vades a todo homem ou mulher da congregação e lhe digais: "Eu gostaria de tomar-lhe duas semanas de tempo para transmitir-lhe algumas verdades e bênçãos que tenho entesouradas no coração"? Pensai na quantidade de vida humana gasta em apenas um sermão, pois a vida equivale a tempo.

Como disse Benjamin Franklin: "Amas tu a vida? Então não esbanjes o tempo, pois êsse é a matéria de que a vida está feita." Imaginai a quantidade de vida — o número de palpitações, as oportunidades de mercês, os momentos de decisões, os tijolos do destino — que subtraístes a êsse homem ou a essa mulher, a todos êles! É um pensamento que humilha e alarma, mas inspira.

Não obstante, apesar de tudo isto, alguns homens são culpados de ocupar o tempo com uma porção de parlatório pio, com gracejos sem importância, com um montão de invenções humanas, insignificantes, insossas, inúteis! Sem dúvida, ao conceder-me um homem parte de sua vida, devo usá-la para comunicar-lhe as grandes coisas da lei de Deus, as importantes revelações de Sua Palavra, as promessas eternas do santo Evangelho.

Não tenho o intuito de usurpar a autoridade dos instrutores capazes desta instituição que vos desvendam a ciência e a arte de pregar. Tendes aqui homens que poderão ministrar-vos a mais excelente instrução em homilética. Vossa biblioteca contém livros, ou podeis comprá-los para uso pessoal, e nêles aprender o que de melhor existe sobre o assunto de pregação desde as eras primitivas até ao presente.

O Tema Central da Pregação Cristã

Faço-vos o apêlo para que observeis hoje algumas das influências mais expressivas e as mais amplas acepções da verdadeira pregação. Os sermões têm sido agrupados sistematicamente em: expositivos, de assunto, de fatos, práticos, etc.; mas concordo com Phillips Brooks em que essa classificação pouco significa. A grande necessidade da pregação cristã é que Cristo seja pregado. Disse Êle: "E Eu, quando fôr levantado da Terra, todos atrairei a Mim" (S. João 12:32). A verdadeira pregação cristã atrai os homens para Cristo. Só o magnetismo da cruz pode tornar irresistível a pregação.

O próprio centro de todo o nosso ministério deve ser: "o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, a salvação e redenção — o Filho de Deus erguido na cruz." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 315.

"A grande pregação só brota de um coração profundo e fértil de uma grande teologia. Deve ela provir de grandes convicções da verdade. Não é de muita teologia que a igreja sofre, mas de demasiadamente pouca." — John R. Mott, em *Claims and Opportunities of Christian Ministry*, págs. 70 e 71.

A verdadeira pregação adventista do sétimo dia, pregação que fez êste movimento, pregação que identificou a igreja, pregação que deu direção à nossa marcha, é a espécie de pregação que levará a mensagem à vitória no fim. Conhecem-se alguns homens que pregaram sermões com

postos principalmente de histórias comovedoras ou, até, de anedotas humorísticas. Outros se delectam em apresentar acontecimentos mundanos tão conhecidos do público quanto do ministro, e de outros assuntos que ninguém verdadeiramente conhece. Existem sermões acêrca de discos voadores e de horrendas descrições de fissão atômica. Alguns passos bíblicos são usados como pretextos. Devemos lembrar que, às vêzes, *sermõezinhos* há que produzem *cristãozinhos*. Impossível é produzir caracteres do porte de uma *Sequoia Gigantea* com simples enxertos de recapitulações. Não haverá, no pecador, grande convicção de coração, a menos que, no coração do pregador, haja grande convicção da verdade.

Nenhum verdadeiro pregador pode seguir o

exemplo daquele bajulador que, ao ver presente na congregação o senhorio do prédio, abrandou o seu apêlo final com estas palavras: "A não ser que de algum modo vos arrependais e de alguma maneira vos convertais, sereis de alguma forma condenados."

Quando pregamos, precisamos pregar para alcançar ação, uma decisão nesse mesmo momento e lugar. Precisamos de pregação como a dos apóstolos no dia de Pentecostes, quando os ouvintes ficaram de coração tão compungido que disseram: "Varões irmãos, que devemos fazer?" (Atos 2:37).

Viver de tal maneira e de tal maneira falar que a igreja seja reconstruída e os pecadores convertidos a Deus — isso é *pregação!*

Pregação de Nova Reforma

HENRY L. RUDY

Vice-Presidente da Associação Geral

O GLORIOSO privilégio de ser pregador do evangelho da salvação é apropriadamente salientado pelo apóstolo Paulo. Ele mesmo se chamou "servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus" (Rom. 1:1).

Ser apartado para a pregação do evangelho de Deus é uma nomeação superior: uma relação de Senhor-e-servo. Essa não é geralmente a relação do servo, em que todos os cristãos se mantêm para com Cristo, seu Senhor, mas uma relação especial de officio, de serviço no reino de Cristo. Os servos de um rei são oficiais de classe elevada. Nesse sentido a relação de "servo" expressa dignidade e honra. Assim é aplicada aos profetas (Deut. 34:5; Jer. 25:4), e a Moisés (Isa. 42:1; 43:10), o Príncipe dos pregadores. Mediante a aplicação dêste título Paulo reconhece a autoridade do Senhor Jesus Cristo, a cujo serviço estava.

A cristandade entrou hoje numa grande nova era. Ela se tornou conhecida como uma Nova Reforma, talvez "a reforma mais profunda e de maior alcance que a igreja já experimentou." — Robert S. Bilheimer.

A maneira em que esta Nova Reforma se está processando confere preeminência sem precedente à doutrina da segunda vinda de Cristo. É, portanto, de suprema importância que os ministros adventistas do sétimo dia, e outros obreiros, descubram sua relação de pregadores para com os êxitos doutrinários e espirituais que envolvem o crescimento e o desenvolvimento dêste movimento religioso.

Alguma coisa incomum está ocorrendo na vi-

da da igreja hoje. A pressão dos acontecimentos está a ensinar ao mundo que os homens precisam viver juntos como uma família, ou desaparecer da Terra inteiramente. Alguma coisa semelhante está acontecendo na igreja. Sob a poderosa guia do Espírito de Deus uma grande aceleração do eterno propósito está em processo de infosmável evidência, compelindo a igreja para os derradeiros movimentos da graça divina. Pela primeira vez na História, com todo o mundo habitado despertando-se e tornando-se nos notoriamente acessível, podemos ver o cumprimento do plano divino para o mundo, tanto na sua vastidão como na aceleração.

"Vivemos no tempo do fim. Os sinais dos tempos, a cumprirem-se rapidamente, declaram que a vinda de Cristo está próxima, às portas. . . . As forças do mal estão-se arregimentando e consolidando-se. Elas se estão robustecendo para a última grande crise. Grandes mudanças estão prestes a operar-se no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos." ¹

A igreja em sua existência entre os movimentos revolucionários do presente, luta para reaver a pureza e fortaleza originais de sua mensagem transcendente. Está ela determinada a não perder a mensagem da graça divina oferecida aos pecadores. Nessa luta estão as pesesoas tomando partido quer a favor quer contra a vontade de Deus. Por um lado, as verdades pelas quais têm pautado sua vida nos séculos precedentes são rejeitadas no interêsse de compromissos. Por outro, grandes princípios da Reforma Protestante estão sendo revividos com fé e zelo que pro-

metem grandes desenvolvimentos em futuro imediato.

Como outros grandes movimentos de reavivamento religioso do passado, a Nova Reforma é identificada por certas características peculiares. Surgiram estas num período de muitos anos, e podem ser agora definitivamente manifestas. São elas de importância suprema para o pregador e instrutor da verdade bíblica presentemente.

1. A Autoridade da Palavra de Deus

O primeiro e talvez mais significativo acontecimento que caracteriza a Nova Reforma é o redescobrimto da Bíblia como "um Livro de Proclamação, o portador da mensagem, o comunicador de alguma coisa para ser exposta."² "A Bíblia, em sua totalidade foi restituída ao pregador."

A volta do Livro de Deus ao pregador tornou-se, após longo período de "aridez evangélica", uma característica do novo despertamento religioso. Tal como a Reforma do século dezesseis, a Nova Reforma é assinalada por uma "intensa, expectante e profundamente séria volta à Bíblia."³

Os trabalhos de eruditos e teólogos abriram fronteiras de compreensão bíblica, cuja exploração é uma aventura excitante por sendas estranhas. Além disso, a preocupação contemporânea com a significação da História tem levado muitas pessoas perspicazes ao profundo reconhecimento da urgência e relevância da mensagem bíblica."⁴

Nada aconteceu na vida da igreja desde o começo do grande Segundo Movimento Adventista que se destine a pôr tanto incentivo na pregação da tríplice mensagem angélica quanto a recuperação da Bíblia em sua totalidade como o único Livro do pregador. Este fato por si só deve resultar numa volta à pregação bíblica da parte dos adventistas do sétimo dia de maneira ainda desconhecida em nossa história. Esta é a nossa oportunidade áurea para proclamar todo o conselho de Deus para uma geração que está anelante de ouvir e aceitar a Bíblia como autoridade máxima em assunto de fé. Proclamar a mensagem da Bíblia, segundo a esperança adventista, deve tornar-se o motivo primário e absorvente de todo pregador e instrutor do Movimento Adventista.

Esta volta da Bíblia ao pregador tanto é libertadora, como constringedora. Libertadora, porque a fidedignidade e autoridade da Palavra de Deus foram vindicadas pelas descobertas dos melhores eruditos tanto no terreno bíblico como no científico. Constringedora porque se descobre que a Bíblia contém a única mensagem de salvação para um mundo perplexo e desorientado. Deus Se desvendou a Si mesmo através de Sua Palavra. O objetivo de Sua revelação expandiu-se até atingir os confins da Terra. Ao defrontar-se com Deus nestas circunstâncias, o pregador torna-se

no arauto de Sua revelação. Havendo apanhado uma visão do vasto e descortinador propósito divino, o verdadeiro mensageiro da Palavra vê-se constringido a proclamar as boas-novas da divina graça salvadora com grande zelo e resoluta fidelidade.

2. Cristo como Senhor e Salvador

Fêz alguém a observação acertada de que "o mais importante fato acêrca da teologia contemporânea norte-americana é a desintegração do liberalismo."⁵ Essa observação foi feita há mais de vinte anos. Afirmam hoje categoricamente os teólogos: "O liberalismo, como sistema de teologia, fracassou." Nova e profunda apreciação de Jesus Cristo—Sua pessoa e trabalho—veio à existência.

"Não mais é Ele para nós, sobretudo, o Supremo Instrutor em cujas palavras se poderia ler a sùmula de tóda a sabedoria. Nem é Ele principalmente o Grande Exemplo, que "andou fazendo bem" numa maneira que devemos tratar de imitar. Ele ainda nos inspira respeito como o maior de todos os instrutores religiosos, e infunde-nos temor respeitoso e adoração como Aquêle por quem Deus operou o maior e mais decisivo de todos os Seus poderosos atos, que desviou o curso da História e formou uma nova raça de homens. Para nós, como para São Paulo, Seu nome apropriado não é Rabino nem bom Mestre, mas Salvador."⁶

Assim fala alguém que está fazendo a peregrinação espiritual e intelectual do liberalismo para a fé apostólica em Cristo, o Salvador do mundo. O testemunho de outra pessoa dá pertinente expressão a uma recém-adquirida fé em Cristo como Senhor e Salvador. Diz êle:

"A mensagem do Novo Testamento se reduz a estas duas reivindicações: (1) Jesus foi um personagem real e histórico cuja aparição e carreira atingiu o clímax de uma série de acontecimentos de que o Velho Testamento é a testemunha; e (2) Jesus reptou os homens com o poder e verdade eternos e divinos, não simplesmente em Sua mensagem, mas em Sua vida, atos e pessoa. O homem estava em Cristo—o homem tal como Deus pretendeu que fôsse na criação; e Deus estava em Cristo, reconciliando consigo Sua extraviada criatura. Ambas estas coisas devem ser ditas confidentemente, se quisermos fazer justiça à fé dos que foram atraídos pela revelação de Deus em Jesus."⁷

Neste monumental apanhado do registo da humanidade o historiador Arnold J. Toynbee se concentra no reconhecimento da figura de Jesus Cristo, tal como aparece por sôbre as lides do mundo. "E agora", cisma êle "ao fixarmos o olhar na praia distante, um novo vulto surge do dilúvio e logo avulta no horizonte. Ali está o Salvador; 'e o bom prazer do Senhor prospe-

ará na Sua mão. O trabalho da Sua alma Êle verá, e ficará satisfeito’.”

Êste novo reconhecimento da figura de Jesus como Senhor e Cristo também assinala a Reforma de nossos dias. Ao varrerem a Terra as duas guerras devastadoras, estruturas teológicas liberais esboroaram-se no chão e foram consumidas em chamas. Teorias e filosofias de origem humana ficaram reduzidas a cacos, “como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam” (Heb. 12:27).

Por sôbre as ruínas e escombros de uma era que passou, emergiu a transcendente figura de Jesus Cristo. Durante os dias agitados da Grande Guerra II, Adolfo Keller viu a majestade de Cristo, resplendente de glória e honra, reaparecendo no pensamento dos cristãos europeus pensantes. Escreveu êle, então, a camaradas cristãos que estavam fora da Europa:

“Na pregação do presente, a cruz se situa no centro. . . . A Majestade e a indescritível soberania de Deus sôbre todo o mundo é um assunto favorito. . . . A pregação moderna não tem necessidade daquelas receitas moralísticas triviais nem daquele perfeccionismo utópico que eram o corolário natural de um idealismo cristão otimista. Redescobriu ela as velhas verdades transcendentais acêrca de Deus — o que Êle faz, o que Cristo significa, em quanto importou a Sua cruz para os pecadores, como a Sua ressurreição e o Seu reino estão revelando seu poder redentor neste mundo que se está aproximando de seu fim para que possa começar o reino de Deus.”⁸

Assim outra “grande porta, e eficaz, se me abriu” (I Cor. 16:9) para o mensageiro do evangelho. “Cristo como Salvador que perdoa os pecados, Cristo como portador dos pecados, Cristo como a brilhante estrêla matutina,”⁹ tem que ser o tema principal e favorito de todo ministro e instrutor. O conceito que do Salvador tinha Martinho Lutero, tem que ser ampliado e proclamado.

Disse Lutero: “Em Sua vida, Cristo é um exemplo, mostrando-nos como viver; em Sua morte, é um sacrificio propiciatório por nossos pecados; em Sua ressurreição, é um conquistador; em Sua ascensão, um Rei; em Sua intercessão, um Sumo Sacerdote.”

Salva-te Jesus de teus pecados?

Chama-O Salvador!

Liberta-te Êle da escravidão de tuas paixões?

Chama-O Redentor!

Instrui-te Êle como ninguém mais o fêz?

Chama-O Mestre!

Ilumina-te Êle o caminho que te é escuro?

Chama-O Guia!

Revela Êle Deus a ti?

Chama-O Filho de Deus!

Revela Êle o homem?

Chama-O Filho do homem!

Ou por segui-Lo, emudeces por não poder defini-Lo nem explicar a Sua influência sôbre ti?

Chama-O pelo nome, mas segue-O!

3. Reafirmação dos Princípios Básicos da Reforma

Membros da “velha guarda das igrejas protestantes” observam a varonilidade apostólica e o zêlo evangelísticos de outros cristãos a quem arrog ntemente taxaram de “seitas de franjas”. Estão descobrindo com consternação que as “seitas” foram muito bem-sucedidas no suscitar e edificar igrejas precisamente onde as “igrejas protestantes da velha guarda” fracassaram; e que muita da fôrça das seitas modernas surgiu da fraqueza das velhas formas do protestantismo.

Na Nova Reforma está surgindo o que é chamado de “protestantismo ecumênico”, de um lado, e “protestantismo não ecumênico”, de outro. As profundas ilações dos três principais pilares da fé protestante — a Bíblia como autoridade, a justificação pela fé, e o sacerdócio de todos os crentes — estão sendo tanto reptados como experimentados pela Nova Reforma. O resultado é que um novo protestantismo está sendo criado, com ambos os protestantismos, ecumênico e não ecumênico, ajudando na contribuição para o movimento.

Os cristãos sinceros nas igrejas da reforma estão-se lembrando de que o cristianismo exige sacrificio, que o caminho para o reino do Céu é reto e estreito. Estão êles chegando à compreensão de que o porte do cristão deve ser perceptível em contraste com o do não cristão. Estão descobrindo, também, a natureza ofensiva e traiçoeira do pecado; que a vitória final sôbre o pecado, o mal e a morte pertence a Jesus Cristo, e a realização da derradeira esperança do homem situa-se além da História, no sempiterno reino de Deus.

No “grande grêmio dos verdadeiros seguidores de Cristo” que “ainda estão por ser encontrados nas várias igrejas cristãs, muitos há que nunca tiveram conhecimento das verdades especiais para êste tempo. Não poucos se acham descontentes com sua atual condição e anelam mais clara luz. Debalde olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com o mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação. Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são ‘mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela!’”¹⁰

“Por tôda parte estão as pessoas tomando partidos; todos se estão arregimentando, quer sob a bandeira da verdade e justiça, quer sob a dos poderes apóstatas que lutam para alcançar a supre-

macia. Neste tempo, a mensagem de Deus para o mundo deverá ser pregada com tanta ênfase que o povo seja pôsto face a face, mente a mente, coração a coração com a verdade. Devirão ser levados a ver-lhe a supremacia sôbre a multidão de erros que buscam pôr-se em evidência, e minar, se possível, a Palavra de Deus para êste tempo solene.”¹¹

4. Reavivamento da Esperança do Advento

A escatologia, ou a doutrina concernente às “últimas coisas”—o fim do mundo, a segunda vinda de Cristo, o ressurreição—mudou, de lugar secundário no pensamento cristão, para uma posição em que se tornou um fator central e determinante na compreensão da fé. Parte do novo pensamento que está em processo na igreja se fixa no fim do mundo e no estabelecimento do reino de Cristo, no final da História.

Eclesiásticos de várias comunhões manifestam abertamente sua fé na segunda vinda de Cristo como sendo a bendita esperança do cristão. Em geral reconhecem que as condições tais como se apresentam na Terra hoje em dia, não podem perdurar. Espera-se que ocorra algum cataclisma ou desastre, algum acontecimento que sacudirá a velha Terra, até os seus alicerces. Buscam êles nos múltiplos sinais dos tempos, inclusive no total fracasso da sabedoria humana de achar uma solução para os problemas da raça, a irrefutável prova de que “a vinda do Senhor está às portas.”

A crescente convicção de que Jesus logo virá novamente, a poderosa manifestação do Espírito de Deus no coração dos que buscam a luz da salvação, e o reconhecimento de que o povo de Deus está hoje “de posse do pão da vida para um mundo faminto”, grandemente intensifica a urgência da apresentação da final mensagem da misericórdia divina. Há anos a mensageira do Senhor insistiu com êste povo para que não mais se delongasse na proclamação da verdade presente.

“A medida que transcorre o tempo, torna-se mais e mais evidente que os juízos divinos estão no mundo. . . . Numerosos são ainda os que não ouviram acêrca da verdade que deve prová-los neste tempo. O Espírito de Deus contende ainda com muitos. O tempo dos destruidores juízos divinos é o tempo de graça para os que não tiveram a oportunidade de conhecer a verdade. . . . A misericórdia divina manifesta-se com grande indulgência. Está Deus retendo os Seus juízos a fim de que a mensagem de advertência alcance a todos.”¹²

“Não temos tempo para preocupar-nos com assuntos destituídos de importância. . . . Logo uma surpresa terrível sobrevirá aos habitantes do mundo. Imprevistamente, com poder e grande glória, Cristo virá. Não haverá, então, tempo de preparo para encontrá-Lo. Agora é o tem-

po de proclamarmos a mensagem de advertência.”¹³

5. A Busca da Igreja Verdadeira

Entre as múltiplas doutrinas com que se relaciona a nova reforma, está a da igreja. Que constitui a verdadeira igreja? Existe ela já, ou ainda se espera o seu surgimento? Há salvação fora da igreja? Estas e outras perguntas correlatas clamam por uma resposta definida.

Vozes no movimento ecumênico anunciam o surgimento de uma grande igreja unida. Especifica-se, porém, que o surgimento da grande igreja não se efetuará enquanto uma grande quantidade de cristãos continue a insistir em que as necessárias formas de organização já tenham sido encontradas e já existam na sua própria denominação. João Knox, que efetuou muita pesquisa no assunto referente à igreja, advertte-nos de que— a igreja unida está no futuro, e não no passado; e se alguma coisa há bem clara essa é que as formas de sua vida não foram ainda totalmente determinadas. . . . Tão certamente falso seria identificar o surgimento da grande igreja com o catolicismo romano, com a ortodoxia oriental, ou com o anglicanismo, quanto com o luteranismo, congregacionalismo, presbiterianismo, metodismo ou outro culto denominacional. A igreja unida será uma organização nova, e seremos verdadeiramente muito irrefletidos se buscarmos artificialmente limitar-lhe as possíveis formas que tomará.”¹⁴

No que concerne ao ponto de vista católico romano da igreja, não há dúvida alguma. Pretende o catolicismo ser a igreja de Cristo. Em conformidade com Roma, “não existe igreja verdadeira fora da comunidade romana, não importa em que circunstância qualquer corporação cristã se tenha separado da igreja papal. Neste sentido, a mais ritualista igreja anglicana não difere muito dos cientistas cristãos ou dos adventistas do sétimo dia. Estão tôdas fora do aprisco e terão que, a seu tempo, a êle ser trazidas de volta.”¹⁵

Ao prosseguir no exame do surgimento da nova igreja, as circunstâncias que dividiram as igrejas históricas estão-se tornando cada vez menos importantes para muitas pessoas. Em seu livro, *The Strangeness of the Church*, escreve Daniel Jenkins:

“Dir-se-ia poder-se confiantemente predizer que o futuro não confirmará as reivindicações feitas por algumas corporações religiosas de serem a única, exclusiva e verdadeira Igreja de Jesus Cristo.”¹⁶

As seitas protestantes, tão côncias de sua própria e distintiva pureza que se recusam a manter comunhão com outras corporações cristãs, não se comportam como se seriamente cressem que sua reivindicação será generalizadamente aceita entre os cristãos, e o perceptível fio

da História, certamente não lhes fornece base para incentivo.”¹⁷

Abundantemente claro é que existe hoje uma ávida busca da verdadeira igreja de Cristo. Em toda parte são as pessoas forçadas a tomar decisão. Será ela influenciada pela verdade ou por esperteza? A menos que a verdade divina para este tempo seja clara e destemidamente proclamada, muitas pessoas sinceras não estarão capacitadas para decidir onde se unirem com o povo de Deus. Esta busca universal da igreja verdadeira apresenta um novo repto àqueles a quem foi confiada a proclamação da última e final mensagem de misericórdia a um mundo desorientado.

6. Nova Pregação de Reforma

Do que ficou dito, claro é que a pregação deste tempo presente precisa estar sincronizada com os sucessos do chamado Novo Movimento de Reforma. Grande parte da pregação de nossos dias parece estar muito apartada de qualquer coisa que as pessoas estão ansiosas por compreender. Uma jovem, típica de incontáveis outras, queixou-se recentemente de que seu ministro insiste em pregar sobre temas sociais, entretanto os jovens querem estudar religião básica, o problema do pecado, a certeza da salvação e os assuntos realmente importantes. Reconhecem as pessoas as necessidades da alma e sabem que essas necessidades somente podem ser atendidas pelo que chamam “um cristianismo vertebrado.”

Um homem versado nos assuntos da vida diária, fez esta observação a um ministro amigo: “A dificuldade que tenho quando o senhor começa a falar acerca dos homens, é que nenhuma das coisas que diz a respeito deles parece aplicar-se aos homens com quem eu me encontro.”

O que Paulo Blanshard disse recentemente acerca da literatura religiosa, também se aplica a grande parte da pregação contemporânea: “A literatura religiosa” diz ele, “sofre de demasiada brandura; falta-lhe vitalidade e vigor. Está ela envolta no penso de algodão esterilizado do hipócrita respeito humano.”

A tendência presente situa-se no sentido das cerimônias, formas e práticas exteriores. Como sempre ocorreu no passado, o profeta uma vez mais tende a degenerar no sacerdote. O homem que fala por Deus inclina-se a deixar-se transformar no homem que por Ele celebra cerimônias. Os ministros estão propensos a serem piedosos no público, desempenhando-se de sua responsabilidade de igreja profissionalmente, em vez de como porta-vozes e servos do Senhor a quem representam.

Em certos quadrantes, foi mesmo feita a sugestão de praticar-se uma “moratória de pregação.” Em lugar da pregação, dar-se-ia uma série de “mensagens” sobre “Como Encontrar Recursos para o Domínio da Vida”. Um boletim de

igreja convidava o público para ir escutar palestras sobre “Ajudai-vos a Alcançar Serenidade”, “Deixai na Igreja Vossas Preocupações”, “A Religião Pode Vencer a Tensão Nervosa”, etc. Um ministro que esgotara seu repertório psicológico, divorciando-se do evangelho, começou a “pôr ênfase na liturgia”. “Reviramos o mobiliário da igreja” confessou ele mais tarde. “Mudamos o púlpito, do centro para o lado direito, depois para o esquerdo, e mais tarde para um lugar entre o soalho e o teto, e surpreendemo-nos de verificar que não havia correlação nenhuma entre a localização do púlpito e a eficácia da mensagem dele proclamada.”

Os diplomados de nossos colégios e seminários são, em grande maioria de casos, bons para o cargo de professores ou para a atividade de pesquisas, mas ineficientes no púlpito como pregadores da Palavra de Deus. Sua espécie de pregação é bem descrita pelo que um oficial britânico disse de seu capelão: “Ao sentar-me eu entre a tropa e escutar o que diz o nosso muito consagrado capelão, verifico que é por não possuir ele a mínima nem mais remota idéia acerca das cogitações de um soldado, que deixa de colher um êxito sequer.”

Queira Deus que tais coisas nunca venham a ser ditas, com verdade, a nosso respeito e de nossos ministros. De todos os tempos da história cristã, agora é o momento para a mais enérgica pregação já escutada pelos pecadores. Neste tempo em que a Bíblia foi reposta integralmente nas mãos do pregador, deve haver um reavivamento da verdadeira pregação bíblica. Dessa forma não haverá falta de interesse da parte do público, e o pregador nunca ficará sem uma mensagem. “Dai-me a Bíblia e o Espírito Santo”, declarou Spurgeon, “e eu nunca cessarei de pregar”.

A situação mundial presente — tanto secular como religiosa — é ideal para a proclamação da tríplice mensagem angélica. As grandes verdades que caracterizam o movimento do segundo advento, o ministério mediano de Cristo e a perpetuidade da Lei de Deus, constituem uma resposta às necessidades especiais do homem para este tempo de juízo. As mensagens de Apocalipse 14 “constituem uma tríplice advertência que deve preparar os habitantes da Terra para a segunda vinda do Senhor. O anúncio: ‘Vinda é a hora do Seu juízo’, aponta para a obra finalizadora do ministério de Cristo para a salvação dos homens. Anuncia uma verdade que deve ser proclamada até que cesse a intercessão do Salvador, e Ele volte à Terra para receber o Seu povo.”¹⁸

“Uma grande obra há a fazer em apresentar aos homens as verdades salvadoras do evangelho. É este o meio estabelecido por Deus para represar a onda da corrupção moral. É este o meio de restaurar no homem a imagem divina. É este o Seu remédio contra a dissolução univer-

sal. É o poder que impele os homens para a unidade. Apresentar estas verdades é a obra da mensagem do terceiro anjo. O Senhor determinou que a proclamação dessa mensagem fosse a maior e mais importante obra do mundo para o presente tempo.”¹⁹

Finalmente, a busca contemporânea da igreja verdadeira precisa ser lembrada na pregação da Nova Reforma. Existe uma grande hoste de verdadeiros seguidores de Cristo disseminada entre as várias comunidades religiosas. Estão eles esperando pelo gracioso convite da terceira mensagem angélica, e só mediante a potente pregação desta mensagem atenderão ao convite de se unirem com o remanescente povo de Deus. “Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor.”²⁰

Portanto, como ministros e pregadores, incumbidos da final mensagem divina, nosso trabalho está a calhar-nos perfeitamente. Confiou-nos o Senhor uma verdade especial para este tempo de emergência.

“Quem ousa recusar-se a publicá-la? Ele ordenou a Seus servos que apresentem o último convite de misericórdia ao mundo. Eles não podem permanecer silenciosos, a não ser com pe-

rigo de sua alma. Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as conseqüências. Devem cumprir seu dever e deixar os resultados com Deus.”²¹

Referências

1. Ellen G. White, *Test. Sel.*, [Ed. mundial] Vol. III, pág. 280.
2. Truman B. Douglass, *Preaching and the New Reformation*, pág. 19.
3. *Idem*, pág. 17.
4. Bernard W. Anderson, *Rediscovering the Bible*, pág. 8.
5. John Bennett, *Christian Century*, 8 nov., 1933
6. W. M. Horton, *Theology in Transition*, Vol. II, págs. 133 e 134.
7. B. W. Anderson, *op. cit.*, pág. 205.
8. Adolph Keller, *Christian Europe Today*, pág. 142.
9. Ellen G. White, *Testimonies*, Vol. VI, págs. 20 e 21.
10. Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 390.
11. Ellen G. White, *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. III, pág. 150.
12. *Idem*, pág. 333.
13. *Idem*, pág. 220.
14. John Knox, *The Early Church and the Coming Great Church*, págs. 136 e 137.
15. C. A. Barrois, em *Theology Today*, abril 1949, pág. 76.
16. Daniel Jenkins, *The Strangeness of the Church*, pág. 170.
17. *Idem*, págs. 172 e 173.
18. Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 435.
19. Ellen G. White, *Test. Sel.*, [Ed. mundial] Vol. II, pág. 365.
20. Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 464.
21. *Idem*, pág. 609.

Como Preguar de Forma que Ninguém Se Converta

CHARLES G. FINNEY

1. Seja o vosso motivo supremo o alcançar a vossa própria popularidade.

2. Tratai de agradar, e não converter os ouvintes.

3. Buscai angariar para vós mesmos a reputação de ser excelente orador.

4. Seja o vosso estilo florido, ornamentado, e bastante acima da compreensão do povo comum.

5. Seja parco de imaginação para que os vossos sermões não contenham suficiente verdade para converter uma alma.

6. Dai a impressão de que se Deus fôr tão bom quanto sois vós, Ele não enviará pessoa alguma ao inferno.

7. Pregai o amor de Deus, mas ignorei a santidade do Seu amor.

8. Evitai o salientar a doutrina da deprava-

ção moral do homem, para que não ofendais os moralistas.

9. Lisonjeai os ricos de forma a repelir os pobres e não convertereis nem uma classe nem a outra.

10. Controlai vossas horas de serviço para não prejudicar-vos no salário.

11. Fazei pouca ou nenhuma impressão nos ouvintes de forma que possais repetir vossos velhos sermões muitas vezes sem que isso seja notado.

12. Se o vosso texto contém qualquer pensamento alarmante, não vos detenhais nêle nem o salienteis.

13. Evitai todo entusiasmo e persuasão em vosso sermão, para que não dê a impressão de que realmente credes no que dizeis. — *The Watchman Examiner*.





O Motivo para Servir

G. M. MATHEWS

Diretor Associado, do Departamento de Educação
da Associação Geral

A IMEDIATA recusa do jovem rico de desfazer-se de sua riqueza e seguir a Jesus, aparentemente muito impressionou a Pedro. Em S. Mateus 19:27, disse êle a Jesus:

Jesus não desdenhou essa pergunta de Pedro por seu espírito interesseiro, mas aproveitou-se da ocasião para mencionar alguns princípios básicos da remuneração divina de serviços prestados ao reino de Deus.

Usou a parábola do pai de família para salientar que os que trabalham em prol do reino não ganham a sua recompensa. Assim como alguns dos trabalhadores receberam o salário de um dia inteiro por apenas uma hora de trabalho, também Deus dará a todos quantos alcançem o Céu uma recompensa muito superior aos seus mais acariciados sonhos ou expectativas. Tão extraordinariamente generosa será a recompensa, tão além de tudo quanto poderiam haver ganho, que não se lembrarão de seus mais penosos sacrifícios e provações sofridos enquanto trabalhavam por Êle na Terra!

Se, pois, não podemos ganhar as nossas recompensas celestes, qual é o propósito do serviço? É ajudar-nos a preparar-nos para o Céu. Este pensamento é salientado no livro *Educação*:

“Os que rejeitam o privilégio da associação com Cristo no serviço cristão, rejeitam o único ensino que comunica aptidão para participar com Êle de Sua glória. Rejeitam o ensino que nesta vida concede força e nobreza de caráter”. — pág. 264. (Grifo nosso.)

O serviço, portanto, é uma providência de Deus para ajudar-nos na formação de caracteres que nos tornarão candidatos ao reino. Mas nem todo o serviço realizado cumpre isso. Jesus indica nas terríveis palavras encontradas em S. Mateus 17:21-23, que “muitos” que produziram coisas extraordinárias no nome de Jesus, não serão absolutamente reconhecidos pelo Senhor. Quais, pois, são os característicos do serviço aceitável? Como podemos nós empenhar-nos em serviço para Jesus Cristo, de forma que nos sejam concedidas “capacidade e nobreza de caráter”?

O Motivo Determina o Valor do Serviço

“Não a soma do trabalho que executamos, nem seus resultados visíveis, mas o espírito com que o fazemos, é que o torna valioso para Deus.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 397.

Não é a quantidade de trabalho que fazemos nem como é julgado pelas outras pessoas, mas sim o motivo com que é feito, o que determina se êle é aceito por Deus ou não. Por que o fizemos? O motivo é uma característica importante no serviço, que receberá recompensa. As esmoladas dadas com motivos egoístas pelos homens, mencionadas por nosso Salvador no sexto capítulo de S. Mateus, não os ajudaram no seu preparo para o reino. Sòmente lhes aumentaram o egoísmo e se lhes tornaram uma maldição! S. Marcos relata como Jesus observou os adoradores no templo, ao passarem pela arca das ofertas. Diz o registo que observou, não quanto davam, mas como davam (S. Mar. 12:41). Não foi o valor da moeda, mas o motivo do coração que tornou a oferta da viúva tão valiosa aos olhos de Deus. Seu feito foi motivado pelo seu amor a Deus e pelo seu interesse à causa divina. (Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 458.)

A pergunta “Por que o fizemos?” parece sobrepôr-se a qualquer outra consideração da parte de Deus no julgamento do valor de nosso serviço. “Cada ato de nossa vida, seja excelente e digno de louvor ou merecedor de censura, é julgado pelo Perscrutador dos corações, segundo os motivos que o determinaram.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 275. (Grifo nosso.)

E assim é, não apenas no que concerne à quantidade do serviço, mas também quanto à importância do mesmo.

Stanley Baldwin, certa vez disse: “Tôda a minha vida cri de todo o coração nas palavras de Browning: ‘Todo serviço recebe de Deus idêntica classificação’. Pouca diferença faz se o homem está guiando nm bonde, varrendo ruas ou sendo primeiro ministro, contanto que ponha

nesse serviço tôda a sua capacidade, e o realize em proveito da humanidade.”

Uma segunda característica do serviço aceitável é a total abnegação. É-nos dito que:

“É requerida uma renúncia completa do próprio eu em todo o nosso serviço. O menor dever feito com sinceridade e desinteresse é mais agradável a Deus que a maior obra quando manchada pelo egoísmo. . . . Sòmente quando o egoísmo estiver morto, banida a contenda pela supremacia, o coração repleto de gratidão e o amor houver tornado fragrante a vida — sòmente então, Cristo nos está habitando na alma e somos reconhecidos como coobreiros de Deus.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 402.

A julgar pela última sentença desta citação, estou certo de que, por muitos dos dias de meu ministério, não fui reconhecido como obreiro de Deus. Meditai nisto, irmãos. Nosso serviço para Deus, não importa quanto produzamos nem a importância que pareça ter, pode ser tão sem valor quanto o do faquir hindu em seu leito de pregos! Triste é lembrar que a vasta maioria do exército de Gedeão foi rejeitada por Deus por estarem cheios de *egoísmo*. Muito embora fôssem muitos milhares, por motivo de sua ocupação consigo mesmos “não acrescentariam força aos exércitos de Israel.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 607.

Serviço Feito por Amor

Para que o serviço seja aceitável a Deus e ajude a conceder “força e nobreza de caráter” a quem o faz, a condição do coração é da maior importância. Não sòmente deve êle ser inteiramente abnegado; deve êle estar repleto de *amor* de origem celeste. “Considera Êle mais o amor e a fidelidade com que trabalhamos do que a quantidade que fazemos.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 402. Isto evidencia nitidamente a diferença entre trabalho de “obrigação” e “devoção”. O primeiro não é reconhecido por Deus e só serve para aferrar-nos mais firmemente ao nosso egoísmo. Quantas vêzes devo eu ser lembrado de que nem todo o serviço feito no nome de Jesus é levado em conta — quer para Êle quer para mim! “Únicamente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo, demonstrar-se-á afinal haver sido eficaz.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, págs. 268 e 269. Nossos trabalhos serão eficazes sòmente quando motivados pelo amor, sobrecarregados de oração, e feitos fielmente como para Deus. O serviço que brota do coração cheio de amor celestial estabelece os princípios do reino de Deus no caráter humano.

O verdadeiro motivo do serviço aceitável é a consideração amorável. “E, vendo a multidão, teve grande compaixão dêles” (S. Mat. 9:36). Esta grande força impelente atingiu o clímax no suor de sangue de Cristo no Jardim do Get-

sêmani. Como ansiou Êle por um meio de escape daquele terrível transe! Como era forte a tentação de voltar para o Céu!

“Surge, porém, então a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os transgressores da lei, se deixados a si mesmos, têm de perecer. . . . Vê o poder do pecado. . . . Salvará o homem, custe o que custar de Sua parte.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 517.

Serei eternamente grato ao meu Salvador por haver cuidado de mim então, e ainda cuida agora! Seu interesse custou-Lhe a vida. Tão grande foi a Sua compaixão, que arriscou mesmo a vida eterna a fim de salvar-me. Essa mesma atitude compassiva deve caracterizar o meu serviço para que seja aceitável. A crítica proferida por alguns dentre nosso povo referente tanto aos membros leigos como a obreiros, da parte de quem percebem mostrar pouco interesse ou nenhum pelo bem-estar de seus semelhantes, é sem dúvida justificada. Esse procedimento de indiferença egoísta tem há muito sido uma provação para Deus e para o homem. Davi clamou: “Ninguém cuidou da minha alma!” (Sal. 142:4). Alguém por quem trabalhamos, sentirá isso mesmo a nosso respeito? Oxalá não aconteça tal!

Talvez o salmista haja corretamente sumariado as características do serviço aceitável no sexto versículo do Salmo 126: “Aquêle que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.” Andar significa gastar muito de nosso tempo e energia buscando auxiliar quem está necessitado. Significa desprezar conforto, proteção e segurança para trabalhar num mundo de insegurança, lutas, contendas, egoísmo, impureza e impiedade. Poderá representar sacrifício, incompreensão, maus tratos e mesmo a morte.

O sementeiro, chorando, semeia a preciosa semente nos caminhos e valados, com oração, amorosamente, fielmente, esperançosamente. Por que? Não aspira ao louvor dos homens; não busca honras ou posições; não ultrapassa o que outros já tenham feito. Trabalha muito, esforçada e alegremente, por ter o coração transbordante de amor. Não é impelido por outro qualquer motivo. Quando estas qualidades nos caracterizam o serviço, não gastaremos muito tempo conjecturando sôbre “Que receberemos?” Um serviço tal Deus abençoará com a dupla recompensa de ganhar outras almas para o Seu reino e salvar por Sua infinita graça todos quantos servem. Quão maravilhoso é Deus! Dá-nos Êle a oportunidade de servir; provê a capacidade e a sabedoria que nos torna o trabalho produtivo — e depois nos recompensa como se o mérito fôsse nosso (*Parábolas de Jesus*, pág. 361). Como devemos ser agradecidos por êsse plano da maravilhosa graça divina pela qual não só somos redimidos mas ê-nos conce-

O EVANGELHO DA SAUDE

O CME Irá Averiguar a Incidência do Câncer Entre os Adventistas do Sétimo Dia

Ao Colégio de Evangelistas Médicos, dos EE. UU., foi concedida a subvenção de 31.500 dólares para averiguar a incidência do câncer do pulmão e da laringe entre os adventistas do sétimo dia, no Estado da Califórnia.

Os fundos para essa pesquisa foram concedidos pelo Instituto Nacional de Saúde, seção do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, situado próximo de Washington. Os investigadores apontados para êsse projeto são o Dr. Frank Lemon, instrutor de Medicina preventiva e saúde pública, e o Dr. Lester Lonergan, professor assistente de farmacologia e terapêutica experimental.

O propósito da pesquisa, segundo informa o Dr. Lemon, investigador-chefe do projeto, é determinar a taxa de ocorrência de câncer do pulmão e da laringe entre os 65.000 membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia residentes nas cidades, vilas e áreas rurais em tôda a Califórnia. Cada membro será convidado a inscrever-se como participante do projeto e a for-

necer certos dados necessários para a investigação.

Ao comparar os planos para esta investigação, com os projetos já completados ou em vias de sê-lo, noutros centros de pesquisa, explica o Dr. Lemon que "as informações e estatísticas previamente colhidas sôbre o assunto por outros pesquisadores foram obtidas principalmente de grupos fumantes dentre a população em geral. Estaremos agora lidando com um grupo de pessoas, dentre a população geral, que está exposto a ambientes e fatores de ocupação similares aos de outras pessoas, mas que se abstêm totalmente do uso do fumo."

Os planos para a coleta e processamento dos dados abrangem um período de três anos. A concessão dos 31.500 dólares pelo Instituto Nacional de Saúde cobre as custas do projeto no primeiro ano, com a previsão de concessões adicionais de 18.000 dólares por ano nos dois anos seguintes, o que eleva o total das custas para 67.500 dólares. — *Activities, Set-Out, 1957.*

Assim é

... Há três anos, de cada seis alcoólatras, nos Estados Unidos, era mulher. Hoje essa porcentagem está aumentada para uma mulher entre cinco alcoólatras. Com um total de mais de 4.500.000 alcoólatras no país, isto equivaleria a umas 900.000 mulheres. Além disto, calcula-se que apenas dez por cento dos alcoólatras são realmente "visíveis" ao público.

... Existem 526 cervejarias em atividade nos Estados Unidos, Canadá e América Latina. ...

dida a elevada honra de prestar serviço a Deus e a nossos semelhantes, o que, além do mais, nos habilita para ser cidadãos do Céu!

"Quem pois está disposto a encher a sua mão, para oferecer hoje voluntariamente ao Senhor?" (I Crô. 29:5).

Gastam os norte-americanos 61,92 dólares "per capita" com bebidas intoxicantes, e 47,92 dólares com a instrução pública.

... O Centro de Pesquisas Alcoólicas da Universidade de Yale relata que existem agora 4.589.000 alcoólatras nos Estados Unidos, e que essa quantidade está aumentando na proporção de cerca de 250.000 por ano.

... Tomando por base o período total da vida, um fumante dentre dez que fumem dois ou mais maços de cigarros por dia, morre de câncer dos pulmões. Êsse risco, entre os não fumantes, é calculado em um entre 275. ... Em 1955 a média dos norte-americanos acima de catorze anos de idade consumiu cerca de cinco e meio quilos de fumo.



Pregação

Que Pregar

ABORDAR GRANDES TEMAS. — “Os que se apresentam perante o público como instrutores da verdade devem abordar grandes temas. Não devem ocupar tempo precioso falando de assuntos triviais.” — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 19 de abril de 1906, pág. 8. (*The Shepherd Evangelist*, pág. 385.)

APREENDER GRANDES IDÉIAS. — “Pregar de maneira tal que as pessoas possam apreender grandes idéias e extraiam o minério precioso contido nas Escrituras.” — *Evangelism*, pág. 169.

“Todos quantos estiverem relacionados com a obra devem manter idéias novas.” — *Idem*, pág. 178.

PREGAR UM SALVADOR VIVO E PESSOAL. — “Nisto consiste o segredo do êxito, na pregação de um Salvador vivo, pessoal, de maneira tão simples e ardorosa que, pela fé, as pessoas se apossam do poder da Palavra da vida.” — *Idem*, pág. 170.

EXALTAR A CRISTO. — “Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, devem abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, de tal forma, que apresente estas verdades ao povo com amor e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado.

“Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que tôdas as vossas forças convirjam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, transviadas, perdidas. Exaltai-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Ide Aquêles que ‘vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós.’ Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja manifestado em tôda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus, a esperança do arrependimento e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador.” — *Idem*, pág. 185.

APRESENTAR A JUSTIÇA DE CRISTO. — “O pecador precisa olhar sempre para o Calvário, e com a fé simples de uma criancinha, confiar nos méritos de Cristo, aceitando a Sua justiça e crendo em Sua misericórdia. Os que trabalham na causa da verdade devem apresentar a justiça de Cristo.” — *Idem*.

“Cristo e Sua justiça — seja esta a nossa plataforma, a própria vida de nossa fé.” — *Idem* pág. 190.

VERDADES PROFÉTICAS BEM DEFINIDAS. — “Estão iminentes os perigos dos últimos dias, e em nossa obra temos que advertir as pessoas do perigo em que se encontram. Não permaneçam sem ser abordadas, essas cenas solenes que a profecia revelou. Se nossos crentes estivessem meio-despertos, se reconhecessem a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas e muitos mais haveriam de crer na mensagem.” — *Idem*, pág. 195.

GRANDES VERDADES PROBANTES. — “O obreiro nobre, devoto e espiritual, verá nas grandes verdades probantes que constituem a solene mensagem que deve ser dada ao mundo, razão suficiente para manter ocultas tôdas as divergências menores, de preferência a expô-las para que sejam objeto de contenda. Ocupe-se a mente na grande obra da redenção, a breve vinda de Cristo, e os mandamentos de Deus; e verificar-se-á que há, nesses temas, alimento suficiente para o pensamento ocupar a atenção.” — *Idem*, pág. 183.

ASSUNTOS POTENTES. — “São êstes os nossos temas: Cristo crucificado pelos nossos pecados, Cristo ressuscitado dentre os mortos, Cristo nosso intercessor perante Deus; e intimamente relacionado com êstes assuntos acha-se a obra do Espírito Santo, representante de Cristo, enviado com poder divino e com dons para os homens.

“Sua pré-existência, Sua vinda pela segunda vez, em glória e majestade, Sua dignidade, Sua santa lei exaltada, são temas que têm sido abordados com simplicidade e poder.” — *Idem*, pág. 187.

TÔDA A VERDADE DEVE SER APRESENTADA À LUZ DO CALVÁRIO.—“O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, tôda a verdade da Palavra de Deus, desde o Gênesis ao Apocalipse, precisa ser estudada à luz que emana da cruz do Calvário. Eu apresento perante vós o grande, magno monumento da misericórdia e regeneração, salvação e redenção,—o Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo sermão feito por nossos ministros.”—*Idem*, pág. 190.

Como Pregar

EXPOR A VERDADE COM AMOR.—“Cuidai de não atacar nem uma vez.”—*Idem*, pág. 172.

“Precisamos muito menos controvérsia e muito mais apresentação da pessoa de Cristo.”—*Idem*.

“Não profirais palavras que irão irritar e provocar.”—*Idem*.

“Tratai com ternura cada coração.”—*Idem*, pág. 174.

“Ponde na voz tôda ternura e amor cristãos.”—*Idem*.

“Ponde no que dizeis o espírito e a vida de Cristo.”—*Idem*, pág. 175.

“A melhor maneira de expor a fraude do erro é apresentar as provas da verdade.”—*Idem*, pág. 170.

“Se a vossa maneira de apresentar a verdade é a divina, vossos ouvintes serão profundamente impressionados com a verdade que apresentais. Apossar-se-á dêles a convicção de que é a Palavra do Deus vivo, e cumprireis com poder a vontade de Deus.”—*Idem*, pág. 169.

“Apresentai as verdades da Palavra de Deus de maneira nova e impressiva.”—*Idem*, pág. 195.

O MÉTODO DE CRISTO.—“Não forçou ninguém a crer. . . Instruiu as pessoas quanto à piedade prática, esboçando-lhes claramente o dever. Falou de maneira tal que recomendava a verdade à consciência. . . No ensino de Cristo não existe raciocínio longo, rebuscado e complicado. Êle fere a tecla justa.”—*Idem*, pág. 171.

ORAÇÃO E ESFÔRÇO.—“Por meio de fervorosa oração e diligente esforço havemos de obter aptidão para falar.”—*Idem*, pág. 175.

Sugestões para Obter Ilustrações para Sermões

As ilustrações mais eficazes são as que fazem parte da experiência pessoal, ou as observadas em viagens ou em contatos com outras pessoas. Tais ilustrações práticas mais e mais aumentarão em quantidade à medida que a pessoa cultivar o hábito de buscar ilustrações em tôda parte e sob tôdas as circunstâncias. As seguintes sugestões podem ser proveitosas:

1. Ao sair a qualquer parte, permaneça de alcatéia; leve consigo uma caderneta e anote as idéias que se lhe apresentem. Frequentemente uma ilustração surge dêsses pensamentos.

2. Atente para os incidentes humanos das pessoas com quem entrar em contato, e para os acontecimentos de que está sendo observador.

3. Tire proveito dos acontecimentos de surpresa, ou de ocorrências incomuns ou dramáticas.

4. As notícias da semana pertencem-lhe para usá-las com o melhor proveito, e muitas vezes fornecem ilustrações da verdade espiritual prática.

5. Selecione a melhor parte de leituras de livros e revistas. Por exemplo, faz algum tempo, apareceu numa revista o assunto seguinte: “O milho necessita absolutamente da ajuda humana para a sua sobrevivência. Não possui a capacidade de tornar a semear-se sem a intervenção humana.” Existe nisso um pequeno problema para os evolucionistas, ou uma boa sugestão da parte que o homem desempenha nas obras de Deus.

6. As ilustrações podem ser encontradas em galerias de arte, em museus e na poesia.

7. Conseguem-se muitas vezes ilustrações da leitura de sermões de grandes pregadores bem como de escutar boas palestras. Tôda vez que é tomado emprestado material dessa natureza, deve êle ser revestido de nossa própria personalidade e expresso em nossas próprias palavras.

8. As melhores ilustrações são as que ampliam a significação da verdade expressa num sermão ou palestra, e não acrescentadas meramente como um expediente para despertar interesse.



Qualificações para a Ordenação de Ministros

PARA preencher a lacuna na falta de uma declaração a respeito do alto chamado ao Ministério e as qualificações que devem ser preenchidas antes de alguém ser ordenado, foi apresentada uma recomendação pelos dirigentes da Associação Geral, e adotada com algumas emendas, como segue:

RECOMENDAMOS que a seguinte declaração seja adotada como guia na ordenação de ministros:

A separação de homens para o trabalho sagrado do ministério deve ser considerada um dos mais vitais cuidados da igreja. O crescimento espiritual do povo de Deus, o seu desenvolvimento nas virtudes de Cristo, bem como a sua relação de um para com o outro como membros de Seu corpo, estão todos intimamente ligados e em muitos respeitos dependentes da espiritualidade, eficiência e consagração daqueles que ministram em lugar de Cristo.

O pensamento do Senhor com respeito às qualificações para o ministério é claramente revelado nas Escrituras. Antigamente o ministro era conhecido como o "homem de Deus", às vezes "o homem do Espírito". Instruções minuciosas foram dadas a Moisés com respeito às qualificações para o sacerdote, suas vestes, seu comportamento, sendo encarecida sua compreensão espiritual. E, a fim de conservar continuamente diante da congregação o alto chamado daqueles que serviam no tabernáculo, o sumo sacerdote usava na mitra as palavras: "Santidade ao Senhor".

No Novo Testamento o quadro é igualmente preciso. O apóstolo Paulo fala de si mesmo como "um servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o Evangelho de Deus" (Rom. 1:1). Este assunto da separação para o ministério lhe fôra bem esclarecido pelo próprio Senhor quando, aparecendo-lhe na estrada de Damasco, disse: "pois para isso te apareci . . . a fim de te constituir ministro . . . ; livrando-te do povo, . . . aos quais Eu te envio, para lhes abrir os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus" (Atos 26:16-18). Foi libertado ou separado do povo e então, como representante ungido de Deus, enviado de volta ao povo para ser o por-

ta-voz de Deus e abrir-lhes os olhos para as excelências do evangelho. Posteriormente, escrevendo do trabalho do ministro, êle o denominou o "Alto Chamado."

Diz o Espírito de Profecia:

"Não pode o homem receber maior honra que ser aceito por Deus como hábil ministro do evangelho." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 328.

Na Epístola aos Hebreus, lemos: "Ninguém arroga para si esta honra, senão quando é chamado por Deus." (Heb. 5:4).

As evidências do chamado divino de um indivíduo devem ser claramente visíveis antes da Igreja o separar pela ordenação.

"Os ministros devem ser examinados especialmente a ver se possuem uma clara compreensão da verdade para êste tempo, de modo a poderem apresentar um bem concatenado discurso sôbre as profecias ou sôbre assuntos práticos. Se não podem apresentar com clareza assuntos bíblicos, precisam ouvir e aprender ainda. A fim de serem mestres da verdade bíblica, devem investigar as Escrituras com zelo e oração, familiarizando-se com elas. Tudo isso deve ser considerado cuidadosamente e com oração, antes de mandarem homens para o campo de trabalho." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 435.

"Um verdadeiro ministro faz a obra do Mestre. Reconhece a importância de sua obra, sentindo que matém para com a igreja e para com o mundo uma relação similar à que manteve Cristo. . . . Os que o ouvem sabem que êle se tem achegado a Deus em oração fervente e eficaz. O Espírito Santo sôbre êle tem repousado, sua alma sentiu o fogo vital e celestial, e está capacitado a comparar as coisas espirituais com as espirituais. . . . Apresentando êle o amor de Deus, os corações são quebrantados, e muitos são levados a indagar: 'Que é necessário que eu faça para me salvar?'" — *Atos dos Apóstolos*, pág. 329.

"A conversão dos pecadores e sua santificação por meio da verdade é a mais forte prova que um ministro pode ter de o haver Deus chamado para o ministério. A evidência de seu apostolado está escrita no coração dêsses conversos, e é testemunhada por suas vidas renovadas. . . . Um ministro é grandemente fortale-

cido por êsses sinais de seu ministério.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 328.

Para tal trabalho o homem deve de fato ser chamado por Deus e dar clara demonstração do seu chamado.

Com respeito ao exame dos candidatos ministeriais o conselho do Senhor a nós é claro:

“Pouco se tem feito quanto a examinar ministros; e por essa mesma razão as igrejas têm recebido os serviços de homens não convertidos, ineficientes, que têm acalentado o povo para adormecer, em lugar de o despertar para um zelo e uma atividade maior na causa de Deus. Há ministros que vêm ao culto de oração, e dizem sempre, sempre as mesmas velhas orações sem vida; pregam os mesmos discursos secos de semana a semana, de mês a mês. . . . A única maneira por que podemos corrigir êsse espalhado êrro, é examinar atentamente todo aquêlle que se quer tornar um ensinador da Palavra. Aquêles sôbre quem repousa essa responsabilidade, devem-se informar de sua história desde a época em que professou crer na verdade. Sua experiência cristã e seu conhecimento das Escrituras, a maneira por que observa a verdade presente, tudo deve ser compreendido. Ninguém deve ser aceito como obreiro na causa de Deus, enquanto não tornar manifesto que possui uma experiência real e viva nas coisas de Deus.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 437 e 438.

Êste conselho põe uma obrigação definida sôbre os dirigentes à testa de uma cerimônia de consagração. Devem êles planejar o exame dos candidatos de tal maneira que êste ato importante não seja uma mera rotina, mas faculte a verdadeira sublimação da aptidão do candidato. Deve tomar-se tempo suficiente, especialmente em se tratando de um número maior de candidatos a serem examinados. Onde fôr possível, o candidato deve procurar ter a sua espôsa presente para o exame, compreendendo que a ordenação afeta não sômente o indivíduo mas tôda a família.

Evidenciou-se, às vêzes, pressa desnecessária na recomendação de candidatos para a ordenação. Doutro lado tem havido também demora desnecessária, prolongando-se até vinte anos ou mais. Ambos os procedimentos são errados. Embora nenhum obreiro deva ser ordenado com precipitação, é igualmente importante, quando alguém está pronto para ser separado, que a consagração não seja desnecessariamente adiada. Obreiros se têm visto em situações embaraçosas por não estarem capacitados para efetuar certos deveres ministeriais importantes. O fato, não obstante, de um ministro aspirante estar trabalhando no campo quatro, cinco ou mesmo oito anos não é em si uma garantia de que esteja pronto para a ordenação. Alguém com menos habilidade para pregações evangélicas ou que revele menos aptidão para outro ramo de trabalho ministerial ou pastoral, naturalmente leva-

rá mais tempo para desenvolver-se. De fato, alguns jamais se qualificarão para a ordenação. Aquêles que não revelam talento ministerial especial ou aptidão para liderança pública definida devem ser animados para se dedicarem à salvação pessoal de almas, reconhecendo que seu chamado é para outro trabalho menos especificamente ministerial.

Os presidentes e as mesas executivas de Associações e Missões devem sentir a responsabilidade definida de cultivar o crescimento de ministros jovens e cuidar de que a tais sejam dadas oportunidades em que possam desenvolver a sua capacidade ministerial máxima. Qualquer plano que desvie o futuro ministro de seu desenvolvimento e crescimento deve ser posto de lado. Tem-se perpetrado injustiças, às vêzes, quando candidatos ao ministério que possuem capacidade para certos trabalhos manuais foram desviados para gastarem longos períodos de tempo em outras atividades em prejuízo de seu desenvolvimento ministerial. Um plano tal pode economizar dinheiro da Associação, mas atraz o desenvolvimento do ministro.

Quando uma Associação entrega a um jovem uma credencial de ministro licenciado, a administração da Associação deve considerar-se comprometida a promover o seu desenvolvimento. E quando alguém aceita uma credencial de ministro licenciado deve considerá-la um compromisso de sua parte de render o máximo serviço de que seja capaz. Tal credencial, não obstante, não é um penhor da parte da Associação de que a ordenação esteja assegurada. Meramente provê a oportunidade de o licenciado demonstrar sua vocação. Embora nem todos possam ter as mesmas condições sob as quais desenvolver-se em ministros amadurecidos, não obstante alguém que é chamado de Deus revelará seu chamado por tôda a sua maneira de viver e pela responsabilidade quanto aquêles que ainda se encontram no cárcere do pecado. Em algumas circunstâncias é difícil prover as condições sob as quais o evangelismo público pode ser feito, mas os que são chamados pelo Senhor estarão em condições de comprovar seu chamado e suas aptidões para o ministério, como sua vocação.

Em algumas partes do campo mundial as facilidades educacionais são um tanto limitadas. Se êste fôr o caso, naturalmente levará mais tempo para um ministro desenvolver suas condições básicas para a ordenação. Portanto, considerando tôdas as condições possíveis, é impossível estabelecer um prazo limite como o período de preparo para o licenciado. O fato de um ministro licenciado ser enviado para trabalhar em campo missionário não deve em si adiar sua ordenação além do tempo que levaria se permanecesse em sua terra natal. Sua ficha de trabalho deve ser enviada ao seu novo campo de atividades e receber a avaliação própria no reconhecimento de seu desenvolvimento. Em ca-

soz próprios um ministro licenciado que se está aproximando do tempo de sua ordenação por ocasião de seu chamado para campo estrangeiro poderá ser ordenado antes do embarque.

Antes da imposição das mãos na ordenação de um obreiro, deve êle ter dado provas de:

- a. Experiência em vários tipos de responsabilidades ministeriais.
- b. Chamado definido para o ministério como trabalho de toda uma vida.
- c. Inteira consagração de corpo, alma e espírito.
- d. Estabilidade espiritual.
- e. Maturidade social.
- f. Clara compreensão da Palavra de Deus.
- g. Aptidão como instrutor da verdade.
- h. Habilidade de guiar almas do pecado para a santidade.
- i. Frutos em almas ganhas para Cristo.
- j. Atitude cooperadora e confiante na organização e funcionamento da Igreja.
- k. Vida de conduta cristã estável e exemplar.
- l. Família exemplar.

A ordenação de pessoas que não tenham dado evidência clara de seu chamado como ministros que salvam almas deve ser evitada. Sempre se verificará que alguns indivíduos, tendo-se desenvolvido em outros trabalhos que não os do ministério, em tempo darão prova de seu chamado divino para este trabalho sagrado, e a igreja, reconhecendo este fato, se sentirá chamada para separá-los pela ordenação. Tais casos, porém, certamente serão exceções. Pelo fato de alguém ocupar posição de responsabilidade na organização, não deve considerar-se que por este motivo seja elegível para a ordenação.

Há na denominação certos ramos de trabalho não considerados estritamente ministeriais, mas que provêm experiência para algum desenvolvimento ministerial. O diretor de colégio, por exemplo, ou diretor de ginásio, com jovens a seu cuidado, não leva somente a responsabilidade de seu desenvolvimento acadêmico mas também do seu bem-estar espiritual. É portanto, em certo sentido o seu pastor, e juntamente com o professor de Bíblia, está fazendo trabalho ministerial de fato. Porém, o seu chamado para esse cargo não é em si base para a ordenação. A posição de um homem nesta obra em si não deve influenciar uma comissão a separá-lo para o santo trabalho do ministério a não ser que dê provas definidas de sua aptidão e sua maturidade espiritual e tenha convicção própria de que Deus o chamou para o ministério como o trabalho de toda a vida.

Obreiros em outras atividades, tais como redatores, secretários-tesoureiros de Associações e dirigentes departamentais, podem também che-

gar à altura em seu serviço em que a ordenação seja apropriada; porém, nestes casos, como em quaisquer outros, o chamado divino ao ministério deve ser claro perante a igreja, que atua como representante de Deus, separando-os para o ministério evangélico. Tais obreiros, como todos os candidatos a credenciais ministeriais devem ter a convicção pessoal de que Deus os chamou para o ministério, e dar provas de seu chamado e dom ministerial, e serem conhecidos por sua piedade e habilidade como ganhadores de almas, antes de sua ordenação ser recomendada e decidida.

A ordenação jamais se deve tornar simplesmente o galardão por trabalho fiel ou ser considerada uma oportunidade de adicionar um título ou prestígio para o obreiro. Nem é uma honra que deve ser procurada pelo indivíduo, ou por sua família ou seus amigos em seu favor. Tais atitudes e táticas diminuem grandemente aos olhos da igreja a santidade do ministério.

O ministério não é meramente uma profissão: é um chamado. Não o é por um período de tempo, até que outra ocupação mais atraente chame um homem, mas é o trabalho de toda a vida. Tendo pôsto sua mão ao arado, ninguém deve sentir-se livre para olhar para trás a não ser com perigo de sua alma. O apóstolo Paulo, como os profetas antigamente, se sentiu "sob a obrigação" e exclamou: "Ai de mim, se não pregar o evangelho!" (I Cor. 9:16). Alguém que é ordenado para o sagrado trabalho do ministério deve sentir a mesma responsabilidade do apóstolo de então. E a Associação que o emprega deve sentir uma responsabilidade definida para prover que êle esteja livre para fazer o trabalho apontado por Deus.

O simples relatório da ordenação dos apóstolos é solene: "Depois subiu ao monte e chamou para junto de Si os que Êle mesmo quis, e êles vieram. Então designou doze para estarem com Êle, e para os enviar a pregar." (S. Mar. 3:14). A primeira atividade do consagrado ao ministério é estar *com* Deus. Somente então estará qualificado para ir aos homens pregar a Palavra de Deus. Alguém que fôr assim consagrado e goza de constante comunhão com seu Senhor, se regozijará no privilégio de prestar serviço completo, recusando-se a envolver-se em negócios para ganho pessoal e outras coisas deste mundo que o impeçam de pela graça de Deus, se devotar completamente à causa que ama. Mesmo quando alcançar o tempo de sua aposentadoria deve sentir o chamado de Deus às mesmas normas de vida dos anos de mais atividade, "para que não seja censurado o ministério." (II Cor. 6:3). — *Atas do Concílio Outonal, 1954, págs. 3 a 10.*

O Papel da Música nos Cultos

Que Parte Desempenha a Música na Vida e nas Lides do Povo de Deus?

J. D. REAVIS

Ministro Aposentado, Associação da Florida

RECONHEÇAMOS que a música é um meio para atingir-se um fim — o fim de suavizar e enternecer a alma de homens e mulheres para prepará-los para o recebimento da semente da verdade. A música sagrada instrumental suave prepara o solo para a mensagem. Em Col. 3:16, lemos: “Ensinando-vos . . . uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração.”

A igreja que canta é igreja ativa, e vice-versa.

A igreja que canta é uma igreja triunfante, também. Diz-se de Lutero que conquistou o coração do povo, mais por meio de seus cânticos do que por sua pregação. É-nos dito que o êxito da Igreja Metodista foi devido tanto aos cânticos dos Wesleys como as suas pregações e capacidade de organização. O canto estimula a alma para a ação — para ousar fazer alguma coisa e fazê-la. Cromwell guiava seus homens às batalhas com o cântico de hinos de libertação.

Cantando, marchavam;

Marchando, lutavam;

Lutando, venciam.

Nos dias da Guerra Civil norte-americana, pensavam alguns que se deveria fazer economia, eliminando as bandas de música. Muitas bandas foram dissolvidas, mas os soldados começaram a desertar. Ergueu-se o protesto: “Não temos bandas suficientes.” Algumas delas foram restauradas, resultando em imediatas vitórias.

Quem tem mais razões de cantar do que o cristão? Jubilosos obreiros na Causa divina sempre atraem mais conversos do que os que pregam acerca de calamidades vindouras. Declara o apóstolo Paulo que podemos andar pesarosos, no entanto regozijando-nos sempre. Em nosso movimento para advertir e conquistar um mundo confundido, o canto muito nos auxiliará em nossa marcha.

Cantando, marcharemos;

Marchando, trabalharemos;

Trabalhando, venceremos,

E por fim triunfaremos gloriosamente.

A música por certo nunca poderá equivaler

exatamente à palavra falada. Os músicos que podem despertar as emoções, e fazê-lo com bastante profundidade, são um meio valioso de levar homens e mulheres à decisão.

Muitos reconhecem a nossa necessidade de mais eficientes dirigentes de coros. Onde os conseguiremos se não dentre nossas escolas e igrejas? Quão importante, portanto, é que nossos departamentos de música assumam com determinação a responsabilidade de instruir obreiros que façam de sua música um elemento ganhador de almas. Ao freqüentar o público nossas reuniões, a palavra falada convencê-los-á e retê-los-á, mas tão somente o Espírito Santo é o poder que os converte. E o Espírito muitas vezes fala por meio da música. Conseqüentemente, a música durante uma série de conferências é de importância vital. Precisa o diretor da música planejar o seu programa com muito cuidado, e em cooperação tanto com o ministro como com o organista ou pianista. Deve êle estudar os assuntos que irão ser apresentados.

Outro fator importante é ter um côro bem preparado. Muito pode o côro fazer para poupar a voz do diretor, pois muitas vezes a música tem um tom agudo demais. Atualmente não é necessário que o diretor cante muito. Deve êle dirigir a congregação, para manter na reunião o espírito de culto, louvor e oração. Necessário é que o diretor escolha com cuidado os cânticos quanto às suas palavras bem como à tonalidade. Se um hino se funde suavemente na tonalidade do que lhe segue, isso muito contribuirá para a eficácia da festa musical. Para variar o programa deve o diretor manter o interesse apresentando de quando em quando a história de um hino, enquanto o organista toca a melodia do hino que irá ser cantado. E o diretor deve conhecer de cor todos os hinos. Deve êle manter o olhar na congregação, e não no hinário. Os cantores líricos nunca acompanham a partitura da peça que cantam — conhecem-na de cor. Assim devemos fazê-lo nós.

O Céu sorri ante um jubiloso ofício de canto, e os anjos unem suas vozes às nossas ao “cantarmos ao Senhor um cântico novo” e fazermos-lo com júbilo.